



DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

O intelectual do ano

• Paulo Bomfim

No momento em que completo meus quarenta anos de literatura, recebo a consagração de Intelectual do Ano como homenagem prestada à poesia.

Se o prefácio que Guilherme de Almeida escreveu para o "Antônio Triste", em 1945, representa meu batismo poético, o "Juca Pato" significa o sacramento da confirmação de uma existência inteiramente dedicada às letras.

Todos aqui reunidos sabem, na própria carne, que escrever é andar de veias abertas dando de si aos que têm fome de justiça e de beleza. O intelectual é antes de tudo um forte.

Faz de suas fraquezas a força da mensagem. Molda verdades imorredouras, e da dança das palavras cria a perspectiva do porvir. Fala por muita gente, dá voz a muito silêncio e vida a uma realidade que deve ser transformada.

O ritmo é a respiração do pensamento, e a alma não cabe na memória dos computadores nem se enquadra no paraíso do consumo. O mistério do ser escapa às tecnocracias.

A literatura é o universo paralelo da vida. Em certos casos, mais criativa do que ela. O personagem é a anti-matéria do leitor. Vida e literatura comunicam-se através de túneis de palavras. Em ambas tenho encontrado seres fascinantes. A arte é uma lição permanente oferecida ao homem que passa apressado. Um aviso de urgência e da vocação de existir. Através de livros deixamos o casulo e passamos a voar com as próprias asas.

Neste momento de tanta angústia o livro torna-se a tábuas possível de resistir ao naufrágio e comandar mares.



Cabe a ele a missão de povoar solidões.

As vezes escrevemos o poema, outras, somos por ele escritos. O certo é impregnar dimensões com a vibração que irá alimentar a anemia espiritual das gerações vindouras. Por outro lado, alguém também escreve com nossas vivências porque somos vocábulos na literatura dos deuses. Sim, o escritor é antes de tudo um forte! Conviva do inconformismo e caminheiro da circunstância, transforma vida em palavra e a palavra em vida.

Na gesta cotidiana arma-se cavaleiro na defesa dos oprimidos, na saga do dia-a-dia escreve com seu sangue o protesto nos muros cerceados do ser. É o grande perplexo a causar perplexidade em seu processo de criação e recriação do universo existencial.

Hoje, mais do que nunca, **o poeta é uma figura incômoda, porque é ao mesmo tempo consciência misti-**

ca do passado e habitante do futuro. Traz uma centelha de fogo que o gelo procura apagar.

Platão sabia que os poetas sempre foram e sempre serão expulsos de todas as Repúblicas, porque onde eles estão as águas se agitam impedindo os tiranos de contemplar os próprios rostos.

Na noite feita de fraternidade, o "Juca Pato" vai sendo acrescido das características de seus premiados. Torna-se idealista com Santiago Dantas, humano com Afonso Schmidt, cristão com Alceu Amoroso Lima, renovador com Cassiano Ricardo, criativo com Érico Veríssimo, social com Caio Prado Júnior, apaixonado com Menotti del Picchia, contestatário com Jorge Amado, sentimental com Oliveira Ribeiro Neto, narrativo com Josué Montello, inquieto com Cândido Mota Filho, humanista com Afonso Arinos de Mello Franco, observador com Raimundo de Magalhães Júnior,

universal com Juscelino Kubitschek de Oliveira, revolucionário com José Américo de Almeida, sábio com Luiz da Câmara Cascudo, lidador com Sobral Pinto, Brasil com Sérgio Buarque de Holanda, jurista com Dalmo de Abreu Dallari.

No "Juca Pato", há muito de Quixote e de Carlito. O personagem de Belmonte e Lelis Vieira enfrentava a injustiça e a violência com o riso, o gesto, a lança do inconformismo e a bengala do ridículo. Esse símbolo passou a personificar o escritor brasileiro em suas lutas e em seu patriotismo. Vivemos sob rótulos e amarras, mascarados de verdades postiças e de disfarces emprestados. Mas quando através de uma senha percebemos que um pouco de nós nos espreita no fundo do outro e que a terra prometida são algumas pessoas que temos a vidência de presentir, então nos sentimos em casa. O verdadeiro encontro é aquele que confir-

ma alguma coisa que trazemos em nós. É conhecimento e reconhecimento daqueles que podem fluir livremente uns nos outros.

Por isso, aqui estou, meio Saulo e meio Paulo, com muita estrada de Damasco a caminhar ainda. Sou feito de várias raças e de várias condições sociais. Em todo canto há um pouco de meu lar e em todos um pouco de mim.

Procuo ser livre, mas num mundo de prisioneiros a liberdade acaba sempre ferindo os companheiros de cela. Amo tanto a liberdade que gostaria de ter filhos com ela! A liberdade ofende pessoas e regimes. Um homem verdadeiramente livre é uma ameaça cósmica. É alguém que caminha entre mortos-vivos com uma bomba-relógio no coração.

Só amando nos renovamos. O êxtase é a única linguagem comum a todo o infinito. É o alimento do efêmero e do eterno. Através do amor o humano se diviniza e o divino se humaniza.

Procuo renascer todos os dias. Não concordo em morrer vivo. Sou um rebelde de paletó e gravata, um grão que teima em não virar massa, um pássaro que persiste no canto dentro da gaiola dos horários. Gosto de morar em pessoas, de falar dialetos de ternura e de dar asas a tudo que me cerca. Creio na alquimia de certos encontros e que a eternidade é uma questão de garra ou de graça.

Dentro desse clima dirijo-me aos amigos aqui presentes, aos leitores e aos que me elegeram Intelectual do Ano afirmando:

— Graças a vocês amo, graças a vocês escrevo, logo existo!

* Paulo Bomfim é poeta, membro da Academia Paulista de Letras, onde ocupa a Cadeira n.º 35.

Paulo de Almeida Toledo

• Itazil Benício dos Santos

Conheci Paulo de Almeida Toledo no Rio, se bem me recordo na "Policlínica Geral do Rio de Janeiro", através de Manoel de Abreu. Não sei, não me lembro que ocorrência teria ensejado aquele encontro de especialistas, em meados da década de 40, a que eu não poderia faltar, atento como sempre estive aos assuntos e coisas da especialidade, ansioso por aprendê-la e, um dia, vir a dominá-la.

- Itazil, este é o Paulo, disse-me Abreu, sem nada acrescentar, sem nenhuma referência aos seus títulos, certo de que eu já o conhecia, como radiologista de projeção nacional que então ele era, mas acredito, também, que assim o fizesse em razão da atmosfera de compreensão, fraternidade e ternura em que envolto vivia - daí, para ele, os homens, sobretudo os que cultivam as coisas do espírito, serem sempre conhecidos e se acharem próximos uns dos outros.

Paulo Toledo, por volta de 1945, já era radiologista de grande conceito, em São Paulo e em todo o país. Diplomado em 1932, pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, fascinado pelos estudos médicos e impellido para o caminho que a vocação lhe indicava, teve de continuar ligado à Faculdade. Acontece que, na Santa Casa, ainda como estudante, cursando o ciclo profissional, foi discípulo do prof. Jairo Ramos, por cujo trabalho de renovação, na propedêutica e na clínica, em São Paulo, tinha incontestada admiração. Como acadêmico da época, formou no grupo daqueles dez alunos que, à tardinha, Jairo Ramos reunia, na pequena sala de curativos da Segunda Medicina de Homens da Santa Casa, para aulas de propedêutica do tórax e abdome. Sentados ao longo das paredes, em cada sessão cabia a um dos alunos examinar o paciente - inspeção, palpação, percussão e ausculta cuidadosamente feitas, obedecendo a sistemática que tinha de ser observada.

Formado em 1932, trazendo segura formação de Semiologia Clínica, não seria de estranhar que se inclinasse para os métodos propedêuticos

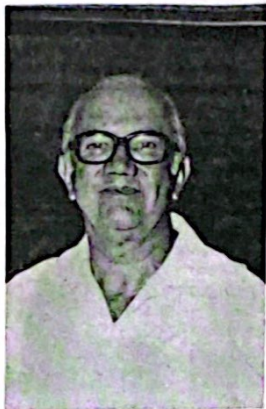
que despontavam promissores - a eletrocardiografia e a radiologia. Em 1933 defende tese de doutoramento sobre "A relevografia dos cólons". Publica, em colaboração com outros colegas, entre eles, Cássio Villaga, numerosos trabalhos científicos. Assistente do prof. Jairo Ramos, depois livre-docente, conquistou, por concurso de títulos e provas, a cátedra de Radiologia na USP, sucedendo ao prof. Eduardo Cotrim, a esta dedicando-se com brilho e entusiasmo, graças ao que a especialidade, em São Paulo, experimentou grande entusiasmo.

Em 1970, foi eleito, pelos seus pares da Congregação, diretor da Faculdade, exercendo o elevado cargo com dignidade e com a paixão que tinha pela sua escola.

Discípulo do prof. Almeida Prado, cuja trajetória acompanhou de perto, e dos profs. Lemos Torres e Jairo Ramos, a obra marcante que realizou na Medicina paulista e nacional não esconde a influência que recebeu desses grandes mestres. Influência que se transmitiu, por seu intermédio, a Alvaro de Almeida Magalhães, que lhe sucedeu na cátedra, e a seu filho Marcelo Toledo, radiologista conceituado, que recebeu, também, do pai, o gosto pela cultura de humanidades e a sensibilidade do escritor.

Laborioso e movido por grande entusiasmo, publicou três livros - "Eletrocardiografia Clínica do Coração (Eletrocardiografia e Radiologia)", Comp. Edit. Nac., São Paulo, 1940; "Radiologia Clínica do Aparelho Digestivo", dois volumes, Edit. Finochiaro & Cruso Ltda., São Paulo, 1948, e, em colaboração com os colegas do Departamento, "Radiologia Básica".

Ao lado do grande especialista, um dos maiores radiologistas do seu tempo, entre nós, Paulo Toledo foi homem de apreciável cultura humanística, escritor de amplos recursos e ensaísta. Colaborador de "O Estado de S. Paulo", nas páginas deste jornal publicou vários artigos sobre personalidades ilustres da Medicina paulista, sobre temas diversos, de interesse médico ou não - ensino médico, especialização médica, previdência social, temas de política (verberou a negociata e a corrupção "protegidas pelos detentores do poder"),



e escreveu sobre assuntos de literatura. Conhecedor da obra de Eça de Queiroz, a conferência pronunciada no Departamento de Cultura Geral da Associação Paulista de Medicina, sob o título "O animismo e a fraternidade na obra de Eça de Queiroz" é trabalho da melhor qualidade literária. "A obra de Eça, conclui ele, nos deixa, afinal, uma profunda impressão de ternura, que abarca toda a humanidade, toda a criação, todo o universo, e que é, seguramente, a força que o impede, seguindo esta trilha - do animismo para a compreensão, da compreensão para a ternura, desta para a clemência e para a justiça e, finalmente, levantando vôo para a poesia." Em considerações sobre a poesia e a prosa na obra de Eça, é de sua autoria este trecho: "Em que consiste a poesia, não sei. Mas quando um sentimento ganha força e uma fantasia se enfuma e se ergue acima das contingências comuns da vida, quando o impulso de uma idéia, em literatura, em música ou em qualquer manifestação artística, leva à fuga da realidade, pela própria força de sua intensidade, como um papagaio colorido que elevamos ao ar, o resultado é poesia".

Em Paulo de Almeida Toledo, o médico, o propedêuta de boa formação, dominado pela preocupação dos fatos e da objetividade, tal qual lhe transmitiram, na época, seus mestres mais próximos, o radiologista qualificado conviveu, sem conflitos, com o escritor de assuntos gerais, o ensaísta, o literato. Sem que um interferisse no outro, muito menos este no médico, como convinha a ele, proveniente de uma escola

que, na ocasião, caracterizava a reação da Medicina paulista à influência literária em tudo quanto se falasse ou escrevesse em Medicina. Essa convivência harmoniosa cultivou-a inclusive na época em que eminentes profissionais paulistas se modelaram nos exemplos do rigor científico de Lemos Torres, da linguagem precisa, sem rodeios, na apresentação do caso clínico ou na dissertação de propedêutica, em que o documento devia ater-se ao relato exclusivo dos fatos da observação concreta.

Nesse tempo e nesse clima de reação às preleções e aulas pomposas, que sobresalam mais pela preocupação da forma do que pelos conceitos nelas emitidos, tempo em que se alinham os nomes de Afonso Bovero, Lemos Torres, Jairo Ramos, Alípio Corrêa Neto, José Ramos Júnior e tantos outros, não faltaram os que, extremando-se, preocupados em usar o que se chamou de "linguagem direta", fria e destituída de adornos, chegassem, às vezes, ao absurdo de falar e escrever mal propositadamente. Ora, escrever mal deliberadamente, em Medicina, para simular apego rigoroso e exclusivo aos fatos, afigura-se o mesmo que servir-se de palavras vistosas, para suprir a ciência que não houve ou o argumento científico que faltou. Até porque para escrever, para exprimir idéias só há uma linguagem, a da boa escrita - em que não haja descaso pela gramática, nem faltem, ao texto, concisão, clareza e simplicidade. Nem mesmo a literatura aproveita a linguagem rebuscada, gongórica, colorida excessivamente, verdadeiro empecilho que termina sendo à compreensão do que se quer dizer. Não esqueça lembrar, ainda, que, como reflexo e desdobramento da atitude desenganada da Medicina paulista naquela época, certos meios médicos houve, em algumas de nossas capitais, que se radicalizaram - estudiosos, pesquisadores, na clínica e nas ciências básicas, professores universitários (que diziam agir em proveito da "formação pura" de frutos estudiosos e investigadores) não admitiam, aos que estivessem sob sua influência docente, outra leitura que não a médica, científica. Literatura, poesia, a leitu-

ra, o trato aconselhável dos bons escritores, escrever algo que não fosse sobre Medicina, escrever literatura ou poesia... nem pensar! Resultado, profissionais que não sabiam redigir simples mensagens de felicitações ou de pesar, muito menos o ofício de rotina, se acaso viessem desempenhar qualquer função administrativa na área de saúde. Como sempre, os extremos se tocam.

Sendo Paulo Toledo homem de formação completa, moral, espiritual e intelectual, sobram-lhe atributos singulares, inclusive de civismo. Vindo à Bahia, em 1949, tomar parte em um Congresso de Radiologia, almoçando juntos, perguntou-me ele se já havia lido a biografia de Rui, feita por Luís Viana Filho. Falou-me, então, com entusiasmo e paixão mesmo sobre a vida de sacrifícios do grande baiano e de sua fé na democracia, verdadeiro apóstolo, concluiu. No dia seguinte, oferecia-me, durante o primeiro intervalo das sessões do Congresso, um exemplar autografado de "A Vida de Rui Barbosa", edição do centenário.

Fazia gosto vê-lo e ouvi-lo em plena atuação, palavra fácil e ágil, desincumbindo-se com eficiência, brilho e retidão das tarefas intelectuais que lhe eram cometidas, universitárias inclusive. Professor catedrático da Radiologia da USP, fez parte da Comissão Examinadora do concurso para professor titular da Universidade Federal da Bahia (a primeira das universidades federais a incluir, no currículo, a disciplina), a que me submeti. Recordo a postura de dignidade, seriedade e exaço no cumprimento do dever universitário com que se houve.

De Paulo de Almeida Toledo guardo, guardam os que o conheceram, os que tiveram o privilégio do seu convívio a mais grata lembrança - do amigo cortês e dedicado, do profissional competente, ético e honrado, do cidadão atento aos seus deveres cívicos, do intelectual, do professor feito para doar-se, atributos que reuniu no modelo que foi de mestre, entre os mais ilustres da Medicina brasileira.

• Itazil Benício dos Santos é professor de Radiologia na Universidade Federal da Bahia e membro das Academias de Medicina e de Letras do aquele Estado.

Saudação a Irany Novah Moraes

• J. B. de Oliveira e Costa Júnior

É, para mim, honrosa incumbência saudar, neste instante, em nome da Academia Paulista de Educação, o eminente professor Irany Novah Moraes, um dos expoentes do magistério superior de São Paulo.

Conheço-o desde longa data, ainda quando recém-egresso, em 1952, da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, após brilhante passagem pela prestigiosa casa de Arnaldo, prenunciando já, naquela época, a sua caminhada vitoriosa no campo das letras e da ciência esculapiana.

Acompanho, portanto, a sua marcha ascensional com a mais profunda admiração e vivo interesse. Traduzir agora os feitos do nosso mais novo companheiro apesar de ser tarefa agradável é uma evocação sentimental, guardada com especial carinho, durante muitos anos, no mais recôndito do coração e que o tempo só pode exaltar e encarecer.

Quero desde logo destacar a sua tripla vocação: para o jornalismo, para os problemas universitários e para a prestigiada cirurgia vascular. Como jornalista atende Sua Excelência às preferências dos exigentes leitores com artigos e ensaios no acatado matutino "O Estado de S. Paulo", que para especial coincidência tem como patrono, neste egrégio sodalício, a fi-

doutorado na Faculdade de Medicina da USP, em dezembro de 1956, defendendo a tese "Contribuição para o conhecimento da valva mitral do coração humano", com observações sobre a arquitetura das "Cúspides pelo Método das Linhas de Fenda", aprovada com nota distinta e elaborada sob a orientação do renomado professor Renato Locchi.

Por concurso recebeu, da Associação Médica, em 1961, o título de especialista em Angiologia. Em 1965 conquista com brilho a docência-livre de Clínica Cirúrgica, da mesma Faculdade de Medicina, após memoráveis provas. Estagiou na Faculdade de Medicina da Universidade de Strasburg (França), na Northwestern University, em Chicago (USA) e foi bolsista da Fundação Alexander Von Humboldt (Alemanha).

Entre várias atividades docentes destacamos a de professor responsável do curso de pós-graduação das disciplinas de "Patologia e Clínica da Arteriosclerose" e "Metodização da Pesquisa Científica Aplicada à Cirurgia"; professor-titular de Cirurgia Vascular da Faculdade de Medicina de Santo Amaro; professor associado de Cirurgia Vascular da Faculdade de Medicina da Escola de Educação Física da USP; chefe do Laboratório de Investigação Médica de Cirurgia Vascular do Hospital das Clínicas da Faculdade de

blemática Universitária", e, na segunda, o estudo sobre a "Comunidade e Universidade"; "Problemática da Saúde", com prefácio do prof. Alípio Corrêa Netto, resultado dos artigos publicados em sua maioria em "O Estado de S. Paulo"; "Prope-dêutica Vascular", já em segunda edição, com farta ilustração, contendo esquemas, desenhos e fotografias; "Elaboração da Pesquisa Científica", também em segunda edição, verdadeiro roteiro para estudiosos e pesquisadores; e a "Enciclopédia de Cirurgia Vascular", obra de grande utilidade, com 414 páginas e vasto elenco de verbetes, minuciosamente apresentados e publicada em 1989.

O seu trabalho "Perfil Forense da Medicina" é uma coletânea de artigos publicados no jornal "O Estado de S. Paulo", na revista "Carisma" e na revista "Problemas Brasileiros". Está dividido em quatro partes: a primeira, cuida da Ética Médica; a segunda, do exercício profissional da Medicina; a terceira, de assuntos tanatológicos; e a quarta, do infortúnio do trabalho, temas esses tratados com muita clareza e atualização.

Conquistou a Medalha Cultural "Oscar Freire", conferida pela Sociedade de Medicina Legal e Criminologia de São Paulo e pela Sociedade Paulista de História da Medicina. Foi-lhe, também, conferida a Medalha do Mérito Angiológico "René Fontaine", no grau de mestre pela Sociedade Brasileira de Angiologia e Cirurgia Vascular.

Sua atividade científica, todavia, não pára, tendo publicado, neste ano, o livro "Erro Médico", tema sempre atual e polêmico, estudando, muito bem, os parâmetros existentes para sua melhor compreensão. Assim, nesses casos, não ocorre o crime doloso, quando o agente quer o resultado ou assume o risco de produzi-lo, mas, sim, o crime culposo, onde há imperícia, imprudência ou negligência. Na verdade, algumas vezes é insensível e pouco nítida a passagem do dolo, por assumir o risco, para a culpa "stricto sensu". Não importa, bem analisados todos os elementos chegar-se-ão, com critério, à caracterização do delito desde que não se inclua na culpa pequenos erros, inerentes à própria atividade humana, o que iria criar uma situação impeditiva do exercício da Medicina ou, de forma oposta, só admitindo os erros crassos, grosseiros, que acarretariam a irresponsabilidade profissional.

Ainda, recentemente, o professor Irany brinda as letras médicas com o seu "Atlas da Ate-

rosclerose", baseado em casos do Instituto Médico Legal de São Paulo, um conjunto de mapas de distribuição dos ateromas, mostrando a frequência, a localização, o tamanho e o grau de estenose dos pontos vulneráveis do aparelho circulatório. São 36 figuras muito ilustrativas e que permitem uma visão perfeita desse grave problema da patologia vascular. E ainda agora, no dia 9 do mês passado, recebeu o título de cirurgião emérito, conferido pelo Colégio Brasileiro de Cirurgiões.

Participou ativamente de oitenta congressos científicos no

tudinárias dos seus companheiros. Pode-se, também, resumir na formação da personalidade, feita pela ação dos adultos, exercendo influência sobre as crianças e os jovens, estimulando-os a fazer bom uso das potencialidades latentes, e a conhecer, adotar e vivenciar valores escalonados (Armida Bergamim Miotto, in Enciclopédia Saraiva do Direito, vol. 30, pág. 88). Todavia, como o ser humano não é um simples indivíduo (um composto bio-psicológico), mas pessoa, conjunto de corpo, psique e espírito, a formação da personalidade deve ser integral,

"Basta, portanto, a apresentação do currículo do novo recipiendário para mostrar o seu valor, o que muito enobrece a Academia Paulista de Educação."

Brasil e em países estrangeiros. Basta, portanto, a apresentação do currículo do novo recipiendário para mostrar o seu valor, o que muito enobrece a Academia Paulista de Educação, contribuindo para alcançarmos os objetivos colimados, justificando a reunião de cultores das ciências, das artes e das letras, com fins educacionais.

A nossa Academia é de Educação, na expressão ampla do termo, significando a "ação e efeito de educar", desenvolvendo as faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano. E essa é a verdadeira função do educador.

O conceito de Educação foi muitas vezes identificado com o conceito mais restrito de instrução, mas, sob a influência de idéias evolucionistas, está largamente difundida a noção de que todos os estímulos que provocam uma série de reações da parte do indivíduo têm alguma influência no seu caráter e fazem parte, portanto, da sua educação. É conceito demasiado largo e vago. Na acepção atual, Educação é o conjunto de processos intencionalmente aplicados por uma dada sociedade ou grupo para realizar nos indivíduos os ideais aprovados por essa mesma sociedade ou grupo, enquanto a palavra Instrução designa os meios e métodos adotados para dar ao indivíduo certas aptidões, em geral de caráter intelectual. Essa definição indica que a educação tem duas fases mais ou menos distintas. Uma, é o desenvolvimento físico e psíquico do indivíduo; a outra, é o processo de ajustamento das atividades individuais ao ambiente social, isto é, aos ideais e práticas consue-

com conteúdo ético e dimensão social.

No parecer n.º 853/71 do Conselho Federal de Educação, a educação geral, parte do currículo pleno dos estabelecimentos de ensino, é destinada a transmitir uma base comum de conhecimentos indispensáveis a todos na medida em que espelhe o humanismo dos dias atuais (lei n.º 5.692, de 11/8/71).

A educação moral tem a preocupação valorativa de como os homens devem viver e a educação cívica a finalidade de criar e desenvolver nos cidadãos uma atitude de cumprimento exato da lei (João Gualberto de Carvalho Menezes, in Enciclopédia Saraiva do Direito, vol. 30, pág. 103).

Penso até mesmo de forma mais ampla, incluindo também a educação religiosa, por atender à finalidade última da vida humana na relação com o Supremo Criador, o que está evidenciado no comportamento do homem em particular e da sociedade em geral, desde prisca eras até o momento presente, nas mais altas cogitações e sublimes esperanças.

Finalmente, e por tudo isso, estou certo de que a presença do professor Irany Novah Moraes na Academia Paulista de Educação será motivo de orgulho para seu sodalício, projetando-o gloriosamente na sociedade brasileira e principalmente nos meios culturais de nossa terra. Bem-vindo seja, pois, professor Irany Novah Moraes.

• J. B. de Oliveira e Costa Júnior é catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Direito da USP.

"Este ano publicou o livro Erro Médico, tema sempre atual e polêmico, estudando, muito bem, os parâmetros existentes para sua melhor compreensão."

gura ímpar e excepcional de Júlio de Mesquita Filho, o varão de Plutarco, símbolo dos brios da terra paulista e defensor intrépido da democracia, dos direitos constitucionais e das justas liberdades em nossa querida pátria.

Foi ele, Júlio de Mesquita Filho, fundador, com Armando Salles de Oliveira, da Universidade de São Paulo, o jornalista sempre empenhado em preservar as verdadeiras instituições, cujas existências são necessárias para garantir o almejado progresso nacional. E só isso já engrandece a cadeira n.º 12 desta Academia.

O nosso novel acadêmico nasceu em Bauru, a próspera cidade do oeste paulista, aos 9 de agosto de 1926, filho de Daniel Damasceno Moraes e de Iracema Novah Moraes. Obteve o

Medicina da Universidade de São Paulo.

Exerceu vários cargos, como o de conselheiro da Universidade de São Paulo (1970-1985); conselheiro da Fundação Padre Anchieta; membro do Conselho de Economia, Sociologia e Política da Federação do Comércio do Estado de São Paulo; presidente da Academia de Medicina de São Paulo e, atualmente, é o presidente da Sociedade Brasileira de Ciências da Saúde, cujo mandato se encerra este ano.

Publicou mais de duzentos artigos científicos em revistas e jornais nacionais e estrangeiros. É o autor de vários livros, dentre os quais podemos citar: "Traumatismos Arteriais"; "Metodização da Pesquisa Científica"; "Perfil da Universidade", contendo na primeira parte a "Pro-

Meu primeiro leitor

• Paulo José da Costa Jr.

Acontecia aos domingos. Ia almoçar com ele. Quase nunca falhava. Ele me recitava de jornal em punho.

- Hoje não gostei. Seu artigo não estava bom.

Ou então:

- Gostei da crônica deste domingo.

Criticava ou elogiava. Com justiça e rigor. Mas aí daquele que se abalancasse a criticar-me. Não lhe dava tal direito. Mesmo que tivesse razão, retrucava com paixão. Engrandecia-me. Muito mais do que pudesse merecer. E rebatia os defeitos vários de que sou possuidor.

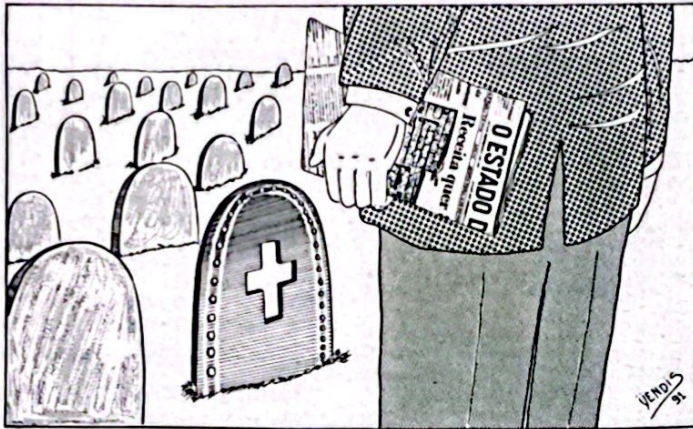
É sempre assim. Para os pais, somos invulneráveis e perfeitos. Só que fui vulnerável e imperfeito. Desde que o soube irrecuperável, deveria tê-lo desfrutado mais. "Curtido" mais. Sorvendo-lhe os segundos vertiginosos e vorazes do tempo que ainda lhe restava de vida.

Mas tinha os meus afazeres, que egoisticamente ocupavam grande parte do meu tempo. Verdade é que, sempre que podia, ia vê-lo. Não só aos domingos. Dias de semana também. Procurava desfrutar-lhe os derradeiros conselhos, de homem experimentado e arguto. Adivinhar-lhe os raros desejos, para tentar satisfazer aqueles que estivessem ao meu alcance (tentei de balde que a rua que escolheu como última morada não suportasse, só, toda a carga de caminhões do bairro).

De há muito que o sabia perdido. Recebera a notícia como a cachoeira que despenca do alto, em pleno inverno, sólida, em cima da gente. A notícia veio sem mais rodeios. Os médicos costumam ser frios. Aquele fora glacial.

Repentina vertigem toldou-me a vista e retirou-me o equilíbrio. Faltaram-se as pernas, como faltaram a meu pai, quando a moléstia avançou, macabra, devorando-lhe paulatinamente os músculos.

Interoguei o médico, sobre se havia possibilidade de salvação. Disse-me que não. Tornei a interrogá-lo. Não mais com os lábios. Com os olhos súplices, a implorar auxílio. Ele pareceu entender e emergiu da crosta de gelo, com a qual parecia imunizar-se das miasmas e das fraquezas do



- Sei que é duro o diagnóstico, com tal realismo. Trata-se de uma esclerose lateral amiotrófica. Não tem cura. É triste a moléstia, muito triste. Charcot, que a estudou a fundo, lamentava ter passado à história da Neurologia, emprestando nome à doença.

Quis saber de pormenores. Ele os forneceu. Aos poucos, iria perdendo os movimentos. Primeiro os braços, depois as pernas. A seguir, a língua, que se negaria a pronunciar as palavras. Finalmente, a faringe e a laringe, que não iriam deglutir (e ele, tão guloso. Era o único de seus prazeres, quando já não se movia: comer bem). Enfim, todos os músculos inertes, silentes, sem atender às solicitações. Como um feixe de carnes amorfadas, um amontoado ósseo desconjuntado, que se entrega resignado aos enfermeiros. E um cérebro lúcido, ágil, prisionado naquele monturo de ossos exangues e de carnes carcomidas.

Dá se seguirem as estações do meu sofrimento que, perto do Calvário, não seriam nada. Só que, para mim, eram demasiadas. Ver meu pai morrer assim, aos poucos, dia a dia. Sobre o dele, homem forte, elegante e vaidoso, cheio de vontade e de alegria de viver. Um meu diálogo lento com a morte. Lento, prolongado e sofrido. Não estava habituado a suportar tamanha carga. Momento sozinho, sem poder reparti-la, pois nem irmãos de sangue tenho. Nem habituado, nem conformado. Faltava-me a resignação santa do Cristo. Tinha em seu lugar a revolta, por não me confor-

mar em perdê-lo. O meu grande amigo. Meu maior, meu melhor amigo.

Dias e meses se passaram. Com a rapidez vertiginosa da areia leve e fugidia que escoia intermitente, na ampulheta do tempo. **Tempus fugit.**

Ele arranjou um médico milagroso, que lhe vendia ilusão e esperança, ao preço razoável de algumas consultas. Eu deixava. Melhor tê-lo ludibriado por alguém, que lhe tingia de verde a alma.

Meses se passaram até que a sinistra senhora lhe batesse às portas. Ela veio, inclemente, imperturbável, implacável. E levou pelas mãos esqueléticas e frias meu pobre pai.

Neste domingo, que se arrasta triste e lento, não terei mais meu primeiro leitor. Neste, nem no próximo. Ele se foi, no domingo que passou. Para a grande viagem sem retorno.

Não sei bem por que estou a escrever esta crônica sobre ele. Quicá por querer prestar-lhe a última das homenagens. Assalta-me, entretanto, a dúvida de que fosse a homenagem mais adequada, ou oportuna.

Também, se tivesse que escrever hoje, não saberia escrever coisa diversa. Por todo o meu ser, o vácuo. A envolvê-lo, apenas uma grande tarja negra de luto. Mas, por que escrever?

Talvez por uma necessidade imperiosa de extravasar a dor. De uma dor que sinto irrecuperável. Que não vai passar, nem com o tempo. Porque se foi o meu único amigo insubstituível. Sou como o galho de árvore arrancado do tronco, de repente.

O homem grande é o homem só. Não consigo ser só. O homem grande basta-se a si mesmo. Não posso bastar-me a mim mesmo. Tenho que clamar por auxílio, repartindo o pesado fardo. Preciso gritar para o mundo que se foi para sempre um homem bom, um homem justo, um homem honesto. Acima de tudo, um homem bom. Que sabia perdoar. Sabia esquecer e transigir.

Não irei mais vê-lo. Nem apertar-lhe as mãos. Elas se foram, para debaixo da terra. Não poderei mais beijar-lhe as faces. Elas apodrecerão e desaparecerão dentro em pouco. Para todo o sempre, para nunca mais.

De tudo, restou o consolo querido dos amigos fiéis. E a segurança de que, daqui por diante, o colóquio será mais suave e mais intenso. Mais suave, porque não iremos nunca mais dissentir, um do outro. Mais intenso, mais contínuo, porque irei trazer sempre sua memória bem junto a mim.

O pior de tudo é que a ironia do destino quis que ele se fosse num domingo. Precisamente quando saiu publicado no jornal "O Estado de S. Paulo" o "Promotor Interino". Foi a primeira crônica cuja leitura ele, já inerte, já defunto, não ouviu.

Dá o remorso e o conformismo de quem, numa hora em que não sufoca o pranto, lê o jocoso e o burlesco que escreveu, dias antes, publicado no momento preciso da enorme dor.

• Paulo José da Costa Jr. é professor de Direito Penal na Universidade de Roma, na Universidade de São Paulo e na FMU.

Coluna do livro

No dia 20 de agosto último, o médico pesquisador Beno Luki defendeu sua tese de mestrado em Farmacologia, intitulada "Avaliação da Utilização de Medicamentos em Unidade de Assistência Primária à Saúde", a qual foi apresentada no Instituto de Ciências Biomédicas da Universidade de São Paulo, cujo orientador foi o professor Antonio Carlos Zanini. Da sua brilhante exposição resultou de modo inconcusso a aprovação, por unanimidade, e com nota máxima. O trabalho aborda a utilização de medicamentos em unidade primária de assistência à saúde, trazendo a análise do perfil de comparecimento de pacientes ao ambulatório, perfil de prescrição de medicamentos padronizados em unidade primária de atenção à saúde, avaliação da eficiência do modelo adotado pelo hospital para a classificação de medicamentos e do método de avaliação de uso dos medicamentos, a disponibilidade de medicamentos etc. Os resultados finais são interessantes. A tese encontra-se na APM (biblioteca), para consulta.

O escritor, jornalista e poeta Roberto Fontes Gomes enviou à APM o livro *Desafio do Asfalto*, editado pela Patrimônio Cultural, 1988. Obra excelente, retrata em linguagem agradável momentos do cotidiano. São vários contos, todos coloridos de muita beleza pelo veio artístico do autor, aliás parente do poeta-médico Martins Fontes, de quem certamente herdou vocação e aptidão. Os temas são variados: violência do cotidiano, menino-passarinho, o golpe, coroa de lágrimas, pôquer, tic-tac e muitos outros.

Irany Novah Moraes, escritor incansável, acaba de lançar mais um livro, que, como os vários outros de sua autoria será, sem dúvida, mais um sucesso da literatura médica. O título da obra é: "Estratégia do Diagnóstico Vascular", Ed. Atheneu, 396 páginas, e trata de maneira esquemática, didática, da medicina vascular, como diagnosticar as principais doenças arteriais e venozas, as doenças linfáticas, as deformidades vasculares, o estudo da coagulação do sangue, suas particularidades etc.

Irany Moraes é um verdadeiro polígrafo e já de há muito está inserido no rol dos grandes escritores deste País.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon } Tertúlia
Carlos Kleber Canova }

Cássio Ravaglia - Divulgação
Heber Maia Matos - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca
Walter Pinheiro Guerra - Biblioteca

Nelson Pedral Sampaio } Pinacoteca
Wanda Gonda }